

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quomabara

DATA: 24 e 25/01/1971 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: O fim é a mensagem - Ausência (excessiva) de Serpa

ASSUNTO: "Serpa erótico leve, elegante, refinado e rico de sensualidade". Box form - sugestão para retrospectiva.

plásticas
Ausência
(excessiva)
de Serpa

Jayme Maurício

Felizmente, sabemos bem onde anda Ivan Serpa; e, além disso, o que tem feito — o muito e muitíssimo, mesmo, que tem feito. Mas que muito gente que justamente se interessa pela obra de Serpa deve andar às voltas com a ausência prolongada do artista. Não é justo que ainda a entretenham por mais tempo.

Quer dizer: já é bem hora de Ivan Serpa vir a público outra vez.

Desde sua estupenda mostra na Bonino, em 68, e desde sua presença no **Resumo JB** seguinte, Serpa não se exhibe. Entretanto, continuam intensas suas atividades de criação, e, numerosos, já, os seus frutos. Serpa parece mesmo um desses seres milagrosos, que possuem a capacidade de dilatação do tempo; um dia para ele deve ter umas 50 ou 60 horas, das quais, provavelmente, apenas umas duas ou três dedicadas ao sono. Serpa concretiza todo esse milagre muito disfarçadamente, exibindo-nos um aspecto de tranquilidade. Ora, cada unidade de sua copiosa produção é trabalhada à minúcia, em plena obediência ao perfeccionismo aguçado do artista, em qualquer dos múltiplos meios nos quais opera.

24 e 25/1/71
O FIM É A MENSAGEM

De fato, o Serpa de agora, é todo serenidade e precisão. Ficaram para trás os tempos da mostra da Tenreiro, onde Serpa transfigurou-se num expressionismo erótico, cheio de agressividade, materializado nas espessas pastas. O erotismo está outra vez presente na produção recente de Ivan Serpa, mas desta feita impregnado ainda do equilíbrio e da simplicidade formal característicos da fase abstrata que vimos na Bonino. Já então, Serpa lançava mão desses traços para criar uma atmosfera sensual — apenas um grande artista é capaz de semelhante proeza. O Serpa erótico de agora é ao mesmo tempo leve, elegante, refinado e rico de sensualidade. Imagine-se um Mozart a compor uma Scherzade.

Serpa tem-se voltado também para a litogravura — meio que recentemente

passou a gozar de novo prestígio entre toda uma constelação de artistas americanos, principalmente os gigantes da **pop**.

Entretanto, a mais impressionante criação de Serpa, ainda inédita, é a **box form** gigantesca, se assim se pode dizer. Serpa tem trabalhado arcais, de aspecto externo tradicional, que se revelam quase caixas de surpresas, ao serem abertas. Serpa concilia os opostos: profundidade e simplicidade, rigor e exuberância, clareza e mistério, reflexão e opacidade. Serpa não havia jamais feito uma incursão tão a fundo no campo do lúdico. Mais os produtos de qualquer outra de suas fases, essas caixas parecem uma finalidade em si, para seu criador. Talvez esclareçam mesmo a ausência de Serpa das salas de

exposições. Ele parece produzi-las sobretudo para si mesmo. Sua atividade, também intensa, de professor de arte, o colocou em contato longo com a criança e o adolescente ainda cheio de infância. Serpa deve ter redescoberto com eles o prazer de brincar: daí, as fabulosas caixas que guarda para si e reluta em expor. O espelho é o seu material predominante; ou melhor, seu auto-material, pois que o espelho não funciona por sua substância, mas pelo que reflete e reenvia. Serpa lança mão dele, fragmentado em uma profusão de elementos, para criar espécies de caleidoscópios estáticos — ou melhor, de caleidoscópios que não precisam ser movidos para nos proporcionar o movimento.

A carreira de Serpa já é suficiente rica e variada para justificar, não exatamente uma retrospectiva, mas um balanço, digamos assim, de umas duas décadas de trabalho. Esta idéia surge como uma alternativa atraente a uma exposição das criações recentes. Ou uma ou outra, precisam ser concretizadas o mais breve possível. Não é justo que Serpa continue ausentando-se de seu grande público.